

Animal Farm, II: As Tartarugas Entre Coménio e o Mestre de Sagengeng

1. Há dias dei comigo a imaginar um sistema educativo cujos conteúdos de ensino-aprendizagem fossem exclusivamente constituídos pela análise crítica de provérbios. Em tal sistema só seria possível ensinar e aprender o que estivesse traduzido em provérbios, colhidos tanto na cultura nacional como nas culturas estrangeiras. Por exemplo, de sociologia ensinar-se-ia o que resultasse da discussão de provérbios tais como: anda meio mundo para enganar outro meio; cada ovelha com a sua parêlha; cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso; na terra onde fores viver faz como vires fazer; quem com ferros mata com ferros morre. O mesmo sucederia com a economia, a biologia, a história, a matemática e as línguas (neste último caso, os provérbios seriam seleccionados das culturas que se exprimissem nas línguas a estudar).

Este sistema prolongar-se-ia pelo ano inteiro e por toda a vida. As sessões do Outono consistiriam basicamente numa batalha retórica entre provérbios complementares ou contraditórios. Os professores e

os alunos seriam designados *a posteriori*: seriam professores aqueles que, no fim de uma dada sessão, os participantes declarassem vencedores da batalha retórica. Os vencidos seriam designados alunos, pelo menos até à sessão seguinte. As sessões do Inverno seriam passadas em silêncio. Nestas sessões seriam designados professores os participantes que conseguissem o silêncio mais profundo ou mais enigmático. Nas sessões da Primavera os participantes construiriam, com recurso ao jogo ou ao teatro, contextos ou cenários incompreensíveis, isto é, não cobertos pelos provérbios existentes. Nestas sessões seriam professores (sempre designados *a posteriori*) os que propusessem novos provérbios que tornassem compreensíveis para os restantes participantes os cenários ou contextos construídos. As sessões do Verão teriam lugar na rua. As propostas de novos provérbios seriam sujeitas à subscrição pública. Cada participante tomaria a seu cargo um novo provérbio e procuraria convencer a população das virtualidades desse provérbio para uma nova compreensão das coisas, tanto das coisas velhas, como das coisas novas. Seriam então designados professores os participantes que conseguissem mais assinaturas.

Este sistema educativo seria cíclico e, como tal, recorrente e sem fim. A avaliação seria sempre reversível, pois os professores das sessões do Outono podiam ser alunos nas sessões do Inverno e vice-versa e assim por diante. A avaliação final seria póstuma. Contabilizar-se-iam as sessões em que cada um terminou como professor ou como aluno. A certidão de óbito funcionaria como o primeiro (e o último) diploma de habilitações: foi x por cento professor e y por cento aluno.

Depois de ter imaginado este sistema educativo até aos mínimos detalhes, reparei que as perguntas que sobre ele se poderiam fazer, a partir dos sistemas educativos vigentes, eram necessariamente estúpidas ou incompreensíveis do ponto de vista do “meu” sistema. Por exemplo: como se escalonariam os provérbios pelos diferentes níveis de ensino? ou seja, que provérbios seriam mais adequados para o

ensino básico, para o ensino secundário ou para o ensino superior? quando é que os alunos entrariam na “vida activa”? como se validariam em tal sistema as competências? como se organizariam as carreiras e a profissionalização dos professores? Conclui então que a estupidez ou a incompreensibilidade destas perguntas residia em que pretendiam questionar uma dada lógica de educação a partir de uma lógica diferente, um paradigma da educação, a partir de outro.

7

2. Diz um provérbio russo que ter bons olhos não é ver a montanha, mas o que está por trás dela. Desde há muitos séculos a educação tem sido pensada como a arte ou o método de treinar os nossos olhos para ver a realidade ou as realidades que nos cercam. E pode dizer-se que, ao nível mais profundo, o debate sobre a educação tem incidido sobre as virtualidades de dois métodos ou paradigmas alternativos: o paradigma-da-montanha e o paradigma-do-que-está-por-trás-da-montanha. Trata-se de paradigmas contraditórios entre si, se não mesmo incomensuráveis. O paradigma-da-montanha treina os olhos para ver as montanhas e o treino a que ele obriga torna possível ver montanhas sucessivamente mais pequenas. Por seu lado, o paradigma-do-que-está-por-trás-da-montanha treina os olhos para ver sucessivamente mais coisas por trás da montanha. Acontece que quanto maior for a montanha, mais coisas tem por trás de si, e paralelamente, quanto menor for a montanha, menos coisas tem por trás de si. Isto significa que olhos mal treinados do ponto de vista do primeiro paradigma são considerados bem treinados do ponto de vista do segundo paradigma, e vice-versa. Daí a contradição.

A educação moderna ocidental tem-se pautado pelo paradigma-da-montanha, ainda que, nas franjas da vigência deste, tenha subsistido, como loucura, inovação ou cultura popular, o paradigma-do-que-está-por-trás-da-montanha. Ao contrário, a educação oriental viveu até há pouco sob o domínio quase total deste segundo paradigma.

A *pansofia* de Coménio, o grande reformador checo

8

que viveu entre 1592 e 1670, constitui, de maneira exemplar, a apologia do paradigma-da-montanha. A sua proposta de uma educação universal visa a educação: (1) de todas as pessoas; (2) em todas as coisas; (3) por todos os meios. Todas as pessoas significa literalmente *todas as pessoas*. *Em todas as coisas* significa em todas as coisas que fazem as pessoas sábias e felizes. Tais coisas são as quatro coisas sábias pelas quais Salomão elogia quatro pequenos animais: a) a provisão para o futuro, em que são exemplares as formigas; b) a prudência, ou seja, não fazer nada senão por meios seguros, tal como se observa nos coelhos; c) a inclinação para o acordo, sem coerção, como é característico dos gafanhotos; d) o modo harmonioso, regular e sistemático de construir, que é o da aranha. *Por todos os meios* significa por todos os meios que conduzem à verdade e, acima de tudo, pela ciência, que Comênio considera serva e não rival da religião. Trata-se, pois, de uma proposta radical, cuja execução permitirá ver montanhas sucessivamente mais pequenas. No limite, montanhas demasiado pequenas para parirem um rato, um outro pequeno animal para juntar aos salomónicos.

O paradigma-do-que-está-por-trás-da-montanha emerge com clareza de um conto popular de Java, datado do séc. XVI, sobre a educação do futuro Buda. Nesse conto, o jovem Buda, chamado então Angrok, de origem humilde, é mandado ao mestre de Sagenggeng para aprender com ele os "livros do saber". Angrok aprende como ninguém os nomes dos dias das seis semanas: da semana de seis dias, da semana de cinco dias, da semana de sete dias, da semana de três dias, da semana de dois dias e da semana de nove dias. Um halo divino cresce à volta da sua cabeça à medida que vai aprendendo. No entanto, à noite, quando o jovem Buda dorme, morcegos demoníacos em número cada vez maior saem incessantemente de dentro da sua cabeça e, para desespero e ira do mestre, comem todos os frutos das árvores e destroem o bellissimo jardim. A educação de Buda é, pois, um processo contraditório, parte divinizante, parte demonizante, que avança pelo aprofundamento da contradição.

A montanha do saber diurno torna-se à noite transparente para tudo o que se esconde por trás dela.

3. Os dois paradigmas de educação apresentam-se-nos hoje dicotomicamente. Relacionadas com eles estão outras dicotomias vizinhas, entre cultura letrada e não letrada, entre educação formal e informal. O nosso século tem sido um século de dicotomias, e de oscilação entre extremos dicotómicos, na área da educação como noutras áreas da vida social. Pense-se nas dicotomias reforma, revolução; Estado, sociedade civil; público, privado; natureza, sociedade; formal, informal; oficial, não oficial; etc. etc. Chegados ao fim do século, sentimos que nos são, pelo menos, necessárias outras dicotomias e que, em muitos casos, é urgente superar as dicotomias através de mediações fortes. Afinal, o sistema educativo que eu imaginei pertencia à cultura não letrada, por assentar em provérbios, ou à cultura letrada, por recorrer à escrita? Era um sistema informal, por educar por provérbios, ou formal, por discuti-los fora dos seus cenários naturais?

Apesar do esforço de Hegel, o pensamento ocidental é pouco atreito a mediações. E o nosso século é profundamente anti-hegeliano. Para o bem e para o mal. Daí que, se alguém me perguntasse pelo perfil da mediação entre a montanha e o que se esconde por trás dela, eu teria, para responder, de recorrer ao pensamento oriental e — com alguma presunção de que, à partida, me desculpo — teria de me pôr na pele do sábio indiano a quem o viajante perguntou em que é que se apoiava a terra:

Sábio: A terra apoia-se no dorso de um elefante.

Viajante: E o elefante, em que é que se apoia?

Sábio: O elefante apoia-se na carapaça de uma tartaruga.

Viajante: E a tartaruga, em que é que se apoia?

Sábio: Ah! Depois são só tartarugas até ao fundo.